



RODRIGO MOREIRA ANDRADE

**RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA - UFLA: UM ESTUDO
DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE LAVRAS-MG**

LAVRAS – MG

2023

RODRIGO MOREIRA ANDRADE

**RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA - UFLA: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
LAVRAS-MG**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Educação Física Licenciatura, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Fabio Pinto Goncalves dos Reis

Orientador

LAVRAS – MG

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que me deu forças nos momentos em que eu imaginava que não seria forte o suficiente para continuar na universidade, diante dos desafios que a vida colocou em meu caminho durante esse percurso de 5 anos na Universidade Federal de Lavras. Agradeço à universidade por proporcionar um ambiente agradável, ainda que às vezes desafiador, onde pude me desafiar e buscar me tornar não somente um profissional melhor, mas uma pessoa melhor.

Agradeço imensamente ao meu pai, Hilton, à minha mãe, Júlia, e à minha namorada, Beatriz, por todo o apoio durante as dificuldades enfrentadas durante a minha graduação. Agradeço também ao Dr. Fabio Pinto Goncalves dos Reis, meu orientador, não somente no trabalho de conclusão de curso, mas durante longos 4 anos em que me orientou em um projeto. Sou grato por sua compreensão e disposição constante para ajudar, além de me apresentar ao fascinante mundo da docência.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha formação, de alunos a amigos e professores, que contribuíram para que eu me tornasse um ser mais reflexivo e crítico.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi registrar e descrever a minha experiência no programa de Residência Pedagógica (RP) na área de Educação Física (EF) em uma escola municipal na cidade de Lavras-MG durante o ano de 2023. A Residência Pedagógica é uma ação do Programa de Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem como objetivo aprimorar a formação de professores por meio da vivência no ambiente escolar. A pesquisa apresentada trabalha com base nesse propósito apresentando um estudo de caráter descritivo por meio de uma abordagem qualitativa, descrevendo as atividades desenvolvidas. Incluindo a participação em reuniões pedagógicas, planejamento e execução de atividades na quadra, observação de aulas, entre outras, focando especificamente no processo de se tornar professor. São apresentadas as reflexões e aprendizados decorrentes da experiência vivenciada, com destaque às contribuições para a formação pedagógica e o desenvolvimento pessoal dos envolvidos na disciplina de Educação Física. Por fim, são expostas algumas considerações acerca da importância da Residência Pedagógica para a formação de professores de Educação Física e para a melhoria da qualidade do ensino na educação brasileira.

Palavras-chave: Residência, Escola, Relato de Experiência.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Paulo Freire)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1.	Metodologia	3
2	VISÃO GERAL DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	6
3	RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFLA	9
3.1	Conhecendo a escola	9
3.2	Planejamento	12
4	AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR	15
4.1	Aula 25/04/2023	15
4.2	Aula 25/04/2023	16
4.3	Aula 09/05/2023	18
4.4	Aula 16/05/2023	19
4.5	Aula 23/05/2023	20
4.6	Relato Geral sobre as aulas de Basquete	21
4.7	Iniciação à Capoeira: aula 30/05/2023	22
4.8	Aula 06/06/2023	23
4.9	Aula 13/06/2023	23
4.10	Aula 20/06/2023	24
4.11	Aula 27/06/2023	25
4.12	Relato Geral sobre as aulas de Capoeira	25
5	IMPACTOS DESSAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA MINHA IDENTIDADE DOCENTE	26
	CONCLUSÃO	28
	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Se tornar um professor é uma tarefa que leva muito tempo e vai além de se formar na universidade e ter um diploma, pois é uma profissão que requer sempre estudo contínuo, vivências e reflexões para sua consolidação. Com a finalidade de estabelecer uma articulação entre teoria e prática fornecendo o subsídio para que estudantes dos cursos de licenciatura possam se aprimorar durante seu processo formativo, o Programa de Residência Pedagógica (RP) juntamente com Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), surgiram sendo o RP destinado a estudantes que cursaram mais de 50% do curso e o PIBID para alunos que cursaram até 50%. Ambos com a finalidade de estreitar os laços entre a Educação Superior e a Educação Básica, aproximando os estudantes das Licenciatura das suas práticas. Tal e qual prevê a Portaria Nº 259, de 17 de dezembro de 2019, que envolve os referidos programas:

Art. 2º O PIBID proporcionar aos discentes da primeira metade dos cursos de licenciatura sua inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior.

Art. 3º O Programa RP promover a experiência de regência em sala de aula aos discentes da segunda metade dos cursos de licenciatura, em escolas públicas de educação básica, acompanhados pelo professor da escola.

Ambos programas agem como potencializadores da formação acadêmica, fornecendo uma importante conexão entre Ensino Superior e Básico, fomentando uma formação além da teoria. Como mencionado por Darling-Hammond (2006, p. 23), “a formação de professores eficaz deve ser uma combinação de conhecimento teórico e prático. A teoria deve ser aprendida em um contexto prático e aplicada em situações reais na sala de aula”.

Conforme destaca Gimeno Sacristán (2000), é fundamental que a formação docente leve em consideração as particularidades do contexto em que se dará a atuação do futuro professor. Dessa forma, é necessário que a formação seja voltada para a realidade e a prática educacional, de modo que o estudante de licenciatura possa desenvolver competências e habilidades que lhe permitam lidar com os desafios da profissão.

Nesse contexto, os relatos de experiência são uma importante fonte de conhecimento para a formação docente, pois permitem que os estudantes de licenciatura conheçam práticas pedagógicas bem-sucedidas, possam refletir sobre as suas próprias práticas e desenvolver uma postura crítica em relação ao ensino. Conforme destaca Tardif (2002), os relatos de experiência

são importantes à formação docente, pois permitem que o estudante possa conhecer a realidade educacional de forma mais profunda, além de possibilitar que ele compreenda toda a complexidade da profissão docente.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da Residência Pedagógica no subprojeto Educação Física em uma instituição municipal na cidade de Lavras-MG, com o intuito de contribuir para o debate acerca da formação docente, sobretudo, da importância dos relatos de experiência como fonte de conhecimento à prática pedagógica. A escolha pela abordagem de estudo de caso justifica-se pela possibilidade de aprofundar a compreensão do fenômeno estudado e de apresentar de forma mais detalhada as particularidades da experiência vivenciada pelos estudantes de licenciatura em Educação Física. Como mencionado por Pekrun e Linnenbrink-Garcia (2014), "ser professor é uma jornada que vai além da aquisição de conhecimento acadêmico; é também sobre a construção de relacionamentos com os alunos, entendendo suas necessidades individuais e promovendo seu bem-estar emocional" (p. 45).

Assim sendo, o trabalho busca responder à questão como a Residência Pedagógica na destinada a Educação Física pode contribuir para a formação inicial de licenciandos e para o fortalecimento da identidade profissional docente, considerando as particularidades da escola municipal da cidade de Lavras-MG?

Cabe destacar que a formação de um professor é um processo complexo que envolve a aquisição de conhecimentos teóricos e a experiência prática em sala de aula (TARDIF, 2002), por isso mesmo, a Residência Pedagógica surge como uma iniciativa relevante, visto que busca aprimorar a preparação dos futuros educadores por meio da vivência prática no ambiente escolar.

O presente trabalho se justifica pela necessidade de analisar e descrever a experiência vivenciada pelo residente durante a Residência Pedagógica, investigando os aprendizados, as transformações pessoais e profissionais, bem como as contribuições à sua trajetória como futuro professor de Educação Física.

A investigação dos impactos da Residência Pedagógica na formação dos professores de Educação Física tem implicações significativas para o aprimoramento da qualidade do ensino nessa área específica (LAMEGO; SANTOS, 2018). Compreender como essa vivência influencia a prática docente e contribui para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem é essencial para fortalecer o campo educacional e garantir uma formação de qualidade aos estudantes (PEKRUN; LINNENBRINK-GARCIA, 2014).

Concebe-se que a realização da Residência Pedagógica na Educação Física pode contribuir para o desenvolvimento da formação inicial de licenciandos, fortalecendo sua identidade profissional docente por meio da vivência e da reflexão sobre práticas pedagógicas em um contexto escolar real, assim, promovendo uma formação mais efetiva e conectada com a realidade educacional.

Por fim, esse trabalho busca analisar as principais contribuições da Residência Pedagógica na formação inicial de licenciandos em Educação Física; identificar os principais desafios enfrentados pelos licenciandos e professores da escola municipal durante a realização da Residência Pedagógica; analisar o impacto da Residência Pedagógica na construção da identidade profissional docente dos licenciandos.

1.1. Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem de pesquisa autobiográfica, que é uma forma de pesquisa qualitativa. A pesquisa autobiográfica permite que o autor reflita sobre suas próprias experiências e as interprete dentro de um contexto mais amplo (ELLIS, ADAMS & BOCHNER, 2011). A pesquisa autobiográfica, como apontam Passeggi, Nascimento e De Oliveira (2016), é uma ferramenta poderosa que nos permite mergulhar nas experiências de vida dos indivíduos, desvendando camadas de compreensão que vão além do superficial. No universo da educação, essa abordagem se torna ainda mais relevante, pois nos permite entender como as vivências pessoais e profissionais se entrelaçam na construção da identidade do educador.

Mas o que torna a pesquisa autobiográfica tão especial? Bem, ela nos oferece uma perspectiva única, uma visão pessoal e íntima das questões que estamos investigando. Ao permitir que as pessoas reflitam e relatem suas próprias experiências, conseguimos captar nuances e complexidades que muitas vezes passam despercebidas em métodos de pesquisa mais tradicionais (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011).

Além disso, a pesquisa autobiográfica tem o poder de evidenciar como as experiências pessoais e profissionais se cruzam na formação da identidade do educador. Isso nos ajuda a entender a prática educacional de uma maneira mais rica e matizada, contribuindo para um conhecimento mais profundo e abrangente do campo da educação. Neste caso, o contexto é a Residência Pedagógica e a formação de professores.

A coleta de dados foi realizada principalmente por meio da introspecção e da reflexão sobre minhas próprias experiências como participante do programa de Residência Pedagógica.

Isso inclui a revisão de quaisquer documentos pessoais relacionados à minha participação no programa, como diários, notas de campo, relatórios e correspondências. Além disso, também realizei uma revisão bibliográfica para contextualizar minhas experiências dentro da literatura existente sobre a Residência Pedagógica e a formação de professores. Isso envolverá a análise de livros, artigos acadêmicos e outros materiais relevantes.

Os dados coletados foram analisados utilizando a análise narrativa, uma técnica que se concentra na interpretação de histórias pessoais e experiências vividas (RIESSMAN, 2008). Isso envolve a identificação de temas e padrões em minhas experiências e a interpretação de como eles se relacionam com os temas mais amplos da Residência Pedagógica e da formação de professores. As considerações éticas também foram levadas em conta durante a realização deste estudo, pois, embora este trabalho seja baseado em minhas próprias experiências, tomarei cuidado para garantir que qualquer informação que possa identificar outras pessoas seja mantida confidencial.

O principal sujeito desta pesquisa autobiográfica sou eu, o pesquisador, que atuou como residente pedagógico na disciplina de Educação Física em uma escola municipal de Lavras-MG. A escolha de uma abordagem autobiográfica para esta pesquisa se baseia na crença de que minhas experiências pessoais e profissionais, como participante do programa de Residência Pedagógica, oferecem uma perspectiva única e valiosa sobre o processo de formação docente e a construção da identidade profissional.

Além de mim, outros sujeitos indiretos emergem desta pesquisa, visto que apesar de a análise seja centrada em minhas próprias experiências, as interações e observações de outros participantes do programa de Residência Pedagógica são consideradas. Essas interações e observações proporcionam um contexto mais amplo para minhas experiências e permitem uma compreensão mais rica do impacto do programa na formação docente.

A escola municipal de Lavras-MG, onde a residência pedagógica foi realizada, também é um sujeito importante nesta pesquisa. A escola, com suas particularidades e contexto específico, desempenha um papel crucial na formação dos licenciandos. A análise das experiências dentro deste ambiente específico permitiu uma compreensão mais profunda de como a Residência Pedagógica influencia a formação inicial de licenciandos e o fortalecimento da identidade profissional docente.

A Educação Física, como área de estudo e prática, é outro sujeito relevante nesta pesquisa. A investigação focada nesta disciplina específica proporciona insights sobre como a Residência Pedagógica nesta área contribui para a formação docente.

Para facilitar o entendimento do processo como um todo, logo abaixo segue um calendário das ações formativas quais pode vivenciar:

Calendário geral:

Data	Evento
20/10/22	Inscrição no edital EDITAL Nº 02 - RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/PROGRAD/UFLA
01/11/22	Entrevista
09/11/22	Resultado
10/11/22	Manifestação de interesse por e-mail
28/11/22	Cadastro no sistema e aceitação do termo de compromisso da capes
30/11/22	Primeiro Ciclo de Atividades
06/12/22	Vista a escola
14/12/22	Reunião geral com preceptores e coordenadores
16/12/22	Início do recesso
16/01/23	Fim do recesso
18/01/23	Atividade online (Resenha)
25/01/23	Palestra online: Educação como Prática Corporal: implicações epistemológicas e formativas duas décadas depois
31/01/23	Reunião para discussão de horários
06/02/23	Início das observações da cultura escolar e trabalho do professor docente
07/02/23	Encontro com a coordenação da escola
08/02/23	Reunião interna entre residentes e preceptores
15/02/23	Reunião Geral
06/03/23	Reunião Geral
10/03/23	Fórum Virtual: Organização do trabalho pedagógico e o ensino das Danças/Atividades Rítmicas na escola
15/03/23	Imersão na escola
29/03/23	Início do recesso
31/03/23	Relato de experiência
05/04/23	Fim do Recesso
06/04/23	Reunião para elaboração do planejamento
12/04/23	Reunião Geral
18/04/23	Início do planejamento
19/04/23	Reunião Geral e apresentação do planejamento
25/04/23	Início do tema basquetebol
05/05/23	Atividade online
16/05/23	Reunião entre residentes e preceptor
23/05/23	Fim do tema basquetebol
30/05/23	Início do tema capoeira
14/06/23	Reunião Geral e debate
20/06/23	Fim do tema capoeira

2 VISÃO GERAL DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A Residência Pedagógica é um programa que se insere no âmbito da política de formação de professores, sendo uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), instituída pela Portaria MEC nº 1.328, de 24 de abril de 2018. O programa tem como objetivo induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientadas por um docente da sua Instituição de Ensino Superior (IES).

A Residência Pedagógica foi instituída pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2018, através da Portaria CAPES nº 38, de 12 de fevereiro de 2018, e tem como base legal a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

A história do programa pode ser delineada da seguinte forma:

- 2018: Instituição do Programa de Residência Pedagógica pela CAPES.
- 2019: Primeiras implementações do programa nas IES e início das atividades de residência pedagógica.
- 2020: Continuidade das atividades, com ajustes e adaptações devido à pandemia de COVID-19.
- 2021: Consolidação do programa e expansão para mais IES e escolas de educação básica.

A Residência Pedagógica representa uma inovação na formação de professores, pois coloca o licenciando em contato direto com a prática docente, sob a supervisão de profissionais experientes. Segundo Nóvoa (2012), é fundamental conceber a formação de professores a partir de "dentro" da profissão, valorizando o conhecimento profissional docente e adotando novas formas organizacionais no campo da formação de professores. A Residência Pedagógica se alinha a essa perspectiva, pois promove uma formação prática, situada e reflexiva, que contribui para a construção da identidade profissional do futuro professor.

É importante ressaltar que a Residência Pedagógica não é um fim em si mesma, mas um meio para a formação de professores competentes, reflexivos e comprometidos com a educação de qualidade. Como aponta Batista (2021), a formação de professores deve ser um processo

contínuo, que envolve a reflexão sobre a prática e o desenvolvimento de competências e identidades profissionais. Nesse sentido, a Residência Pedagógica se apresenta como um elemento importante na formação inicial e continuada de professores.

A Residência Pedagógica, portanto, é um programa que se insere na política de formação de professores e que tem como objetivo principal aprimorar a formação dos futuros docentes, proporcionando uma experiência prática e reflexiva no ambiente escolar. Por meio da imersão na escola de educação básica, o licenciando tem a oportunidade de vivenciar a prática docente, sob a supervisão de um professor da escola e de um docente da sua IES, o que contribui para a construção da sua identidade profissional e para o desenvolvimento de competências necessárias para o exercício da docência.

No entanto, é importante ressaltar que a implementação do programa de Residência Pedagógica envolve uma série de desafios, como a necessidade de ajustes constantes, a negociação entre diferentes atores e interesses, e a possibilidade de resultados não previstos. Além disso, a formação de professores é um processo complexo e contínuo, que envolve a reflexão sobre a prática e o desenvolvimento de competências e identidades profissionais (BATISTA, 2021).

A Residência Pedagógica, portanto, é um passo importante na direção de uma formação de professores mais prática, situada e reflexiva, mas é preciso estar atento aos desafios e complexidades envolvidos nesse processo. A formação de professores competentes, reflexivos e comprometidos com a educação de qualidade é uma tarefa que exige esforço contínuo e compromisso de todos os envolvidos: licenciandos, professores, IES, escolas de educação básica e órgãos governamentais.

Pois bem, depois de tratar da ideia da residência pedagógica de forma geral, mencionamos agora a Residência Pedagógica na Educação Física, que conforme discutido por Queiroz, Solera e Souza (2021), é uma imersão prática que tem como objetivo aprimorar a formação de futuros professores. Este programa no contexto da Educação Física, segundo os autores, é uma oportunidade única para os estudantes aplicarem os conhecimentos teóricos que adquiriram durante seus estudos em um ambiente real de ensino.

A importância da Residência Pedagógica é destacada pelos mesmos autores, que argumentam que esta experiência de aprendizado é inestimável, pois permite que os estudantes de Educação Física se envolvam diretamente com a prática docente, sob a orientação de um professor experiente. Durante a residência, os estudantes têm a oportunidade de planejar e implementar aulas, avaliar o progresso dos alunos e refletir sobre suas próprias práticas de ensino.

A Educação Física, como componente curricular, assume um papel mais crítico e reflexivo no ambiente escolar, conforme discutido por Queiroz, Solera e Souza (2021). Por intermédio do jogo, esporte, dança luta e ginástica, os alunos são incentivados a refletir sobre a cultura corporal, desenvolver habilidades e adquirir uma apreciação pelo movimento. Além disso, a Educação Física também pode contribuir para o desenvolvimento social e emocional dos alunos, ajudando-os a construir a autoestima, a trabalhar em equipe e a lidar com a competição de maneira saudável.

No entanto, para que a Educação Física seja eficaz, é essencial que os professores estejam bem preparados. A Residência Pedagógica na Educação Física, como argumentado por Queiroz, Solera e Souza (2021), é uma ferramenta valiosa para garantir que os futuros professores estejam equipados com as habilidades e o conhecimento necessário para ensinar de maneira eficaz. Segundo eles:

Os estudantes e futuros professores foram oportunizados a vivenciar com afinco as experiências de estarem no cotidiano escolar, presenciando fielmente os acontecimentos, problemas, dificuldades e se obrigando a se moldarem como professores, definindo sua forma de ensinar emoldando sua identidade profissional. Os professores preceptores tiveram a oportunidade de fazer parte do processo formativo dos estudantes, acarretando em benefícios a sua prática docente, trazendo-o de volta a universidade e sendo oportunizados a atualizarem suas ações pedagógicas (QUEIROZ, SOLERA, SOUZA, 2021, p. 184).

Durante a Residência os estudantes de Educação Física são encorajados a refletir criticamente sobre suas práticas de ensino, de igual modo são incentivados a experimentar diferentes métodos de ensino, a avaliar o impacto de suas aulas sobre os alunos e a buscar maneiras de melhorar suas práticas. Esta reflexão crítica, como discutido por Queiroz, Solera e Souza (2021), é uma parte essencial do desenvolvimento profissional de um professor.

Em conclusão, a Residência Pedagógica na Educação Física é uma parte crucial da formação de futuros professores, haja vista que oferece aos estudantes a oportunidade de aplicar seus conhecimentos teóricos em um ambiente prático, sob a orientação de um professor experiente. Além disso, a Residência igualmente promove a reflexão crítica sobre a prática docente, o que é essencial para o desenvolvimento profissional contínuo de um professor (QUEIROZ, SOLERA E SOUZA, 2021).

3 RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFLA

A organização da Residência Pedagógica foi estruturada em núcleos, cada um composto por uma média de seis alunos. Cada núcleo foi designado para uma escola municipal ou estadual, sob a orientação de um preceptor, que era um professor formado da escola. O objetivo dessa organização era que os núcleos realizassem um rodízio, proporcionando que todos os alunos passassem por diferentes contextos educacionais.

No início, nos foram fornecidos artigos para compreender o que era a Residência Pedagógica e qual o seu impacto, além disso, atividades foram propostas e diversas reuniões foram realizadas. Tivemos reuniões gerais, onde todos os núcleos se encontravam com os coordenadores e preceptores para debater ou discutir um determinado tema ou artigo. Além dessas reuniões específicas entre os residentes e os preceptores, também eram realizadas reuniões de estudo, como detalhado na seção "Calendário Geral". Essas reuniões tinham vários objetivos, desde discutir nossas experiências, nossos erros e acertos, até a discussão do planejamento para sua elaboração e modificação.

Tivemos uma semana dedicada a conhecer a estrutura da escola e a ter uma conversa com a direção, supervisores e coordenadores para ler e debater o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Além disso, tivemos mais duas semanas para poder acompanhar o trabalho docente do professor e nos ambientarmos ao ambiente escolar em que estávamos nos inserindo.

Após esse processo, foi iniciada a docência, acompanhada pelo professor preceptor. As aulas ministradas, como especificado na seção de planejamento, foram de basquete e capoeira. Essa imersão na escola ocorria duas vezes por semana, nas terças e quartas-feiras, das sete às 11:20, sendo terça-feira para o Fundamental II e quarta-feira para o Fundamental I.

Durante a docência, reuniões gerais e específicas aconteciam ao mesmo tempo, além de atividades online, tais como a elaboração de resenhas, leitura de artigos e livros, a fim de subsidiar discussões entre os grupos e de maneira geral.

3.1 Conhecendo a escola

A escola onde a Residência foi realizada possuía uma infraestrutura adequada, incluindo uma quadra interna coberta equipada com cesta de basquete e demarcações para futsal e handebol. Além disso, a quadra era bem iluminada e mantida limpa constantemente. Dentro dessa quadra, havia uma sala onde eram guardados os materiais de Educação Física, que continha uma ampla variedade de equipamentos, incluindo diferentes tipos de bolas (basquete,

handebol, futsal), cordas, cones, bambolês, coletes, entre outros materiais. A escola também dispunha de duas quadras externas, uma para futsal e outra para vôlei. Em termos de estrutura geral, a escola possuía um espaço amplo para diversas atividades, um refeitório grande e bem organizado, além de muitas salas de aula.

Em termos de organização, a escola tinha um processo para permitir a entrada dos residentes. Primeiro, foi solicitado que obtivéssemos um documento da Secretaria de Educação da cidade de Lavras, demonstrando que éramos residentes na Universidade Federal de Lavras. Além disso, foram fornecidas fichas para que pudéssemos entregar ao porteiro para permitir nossa entrada. Utilizamos coletes para identificação como residentes, cada professor preceptor tinha uma cor de colete para identificar os residentes que faziam parte do seu grupo. Para a Educação Física, a cor escolhida foi o amarelo.

Após a entrada inicial, íamos até uma sala de recepção para assinar um caderno com o nosso horário de entrada e saída. A escola também não permitia a entrada de mais de três residentes ao mesmo tempo por professor, por isso nosso grupo foi dividido, com três pessoas por dia.

Conhecer a escola no primeiro momento foi um desafio, uma vez que ela se localizava em uma área um pouco distante da minha residência. A distância, que inicialmente parecia ser um obstáculo, foi amenizada pela localização estratégica da casa do professor preceptor, que se situava entre a minha casa e a escola. Isso facilitou enormemente minha logística, pois pude contar com uma série de caronas que tornaram o trajeto mais prático e menos cansativo.

Ao chegar à escola pela primeira vez, fui imediatamente surpreendido pela sua infraestrutura. A escola se estendia por uma área considerável, com vários prédios e espaços abertos, o que indicava um ambiente propício para uma variedade de atividades educacionais e recreativas. O tamanho da escola, além de demonstrar sua capacidade de acolher um grande número de alunos, também refletia a diversidade de oportunidades de aprendizado disponíveis para os estudantes.

Um aspecto que me chamou particularmente a atenção foi a quadra e toda a estrutura relacionada à Educação Física. A quadra, ampla e bem demarcada, estava sempre limpa e pronta para receber os alunos para as aulas de Educação Física e os jogos durante os intervalos. Além disso, havia uma estrutura adequada para guardar os materiais esportivos, como bolas, cordas, cones e coletes. Isso não apenas facilitava a organização das aulas, mas também demonstrava o cuidado e a importância dada à essa disciplina na escola. A manutenção regular e o cuidado com esses espaços e materiais evidenciavam o compromisso da escola com a qualidade da

Educação Física, o que me deixou bastante impressionado e ansioso para começar minha residência.

Após a fase inicial de familiarização com a escola, tive a oportunidade de acompanhar de perto o professor preceptor em suas aulas. Esta experiência proporcionou uma compreensão profunda das políticas e dinâmicas da escola, bem como uma visão privilegiada de como o professor desenvolvia seu trabalho pedagógico. Como define Darido (2005), o conteúdo de uma disciplina é uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada ao aluno.

Um relato que me marcou particularmente foi a luta do professor para garantir seu espaço na escola, apesar do alto investimento na área de Educação Física. Na primeira aula, que teve que ser realizada em sala de aula devido a reformas na quadra, o professor desenvolveu uma atividade inovadora. Ele orientou os alunos a formarem duplas e, em seguida, pegar uma caneta. O professor então começou a contar uma história, e cada vez que mencionava o nome de determinados animais ou cores, os alunos tinham que pegar a caneta o mais rápido possível. Aquele que pegasse a caneta primeiro marcava um ponto, a menos que o professor mencionasse uma cor ou animal que não havia sido previamente combinado. Esta atividade mostrou que a Educação Física pode ser efetivamente ensinada mesmo em espaços teoricamente inapropriados para a prática.

No entanto, o que mais me impressionou foi quando o professor teve que defender seu espaço quando tentaram fazer com que os alunos retirassem livros durante o horário da aula de Educação Física. Isso me mostrou que ser professor vai além do ensino e muitas vezes envolve lutar pelo seu espaço. Como mencionado por Darido (2005), na Educação Física escolar, a preocupação do docente centraliza-se no desenvolvimento de conteúdos procedimentais, entretanto é preciso superar essa perspectiva fragmentada, envolvendo, também, as dimensões atitudinal e conceitual.

Na semana seguinte, o professor conduziu várias atividades, incluindo jogos destinados a trabalhar a mira e a pontaria. Ele organizou dois jogos que envolviam o arremesso de uma bola em um espaço específico, com diferentes áreas valendo diferentes pontuações. Duas aulas foram dedicadas a este jogo e suas variações. Além disso, o professor explicou por que escolheu trabalhar com esse jogo específico e discutiu os pequenos incidentes que ocorreram durante a prática e o envolvimento dos alunos. Essas discussões proporcionaram uma visão valiosa sobre a pedagogia do professor e a dinâmica da sala de aula. Como Darido (2005) sugere, para facilitar

a adesão dos alunos às práticas corporais seria importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas, para além dos esportes tradicionais.

3.2 Planejamento

Logo após a fase de observação e participação das aulas do preceptor, partimos para planejar as unidades didáticas que seriam posteriormente desenvolvidas pela equipe, consoante a seguir:

Nível de Ensino	Ensino Fundamental 2
Data	25/04/2023 a 23/05/2023
Assuntos	Basquetebol
Objetivos	<p>Conceituais: Explorar a história e as regras do basquete, bem como seus fundamentos.</p> <p>Procedimentais: Praticar os fundamentos do basquete, experimentar diferentes formas de jogo e aprimorar as habilidades técnicas.</p> <p>Atitudinais: Promover a cooperação, o compartilhamento de experiências e o respeito às regras e aos outros.</p>
Conteúdos	Diagnóstico inicial, história do basquete, fundamentos do basquete, regras e suas implicações, jogos pré-desportivos, sistemas simplificados de jogo, adaptações do basquete, prática do jogo.
Duração	50 minutos.
Procedimentos metodológicos	As aulas serão centradas no aprendizado conceitual, procedimental e atitudinal, utilizando recursos multimídia e a quadra esportiva. O foco será na tática, evitando um ensino excessivamente técnico.
Recursos didáticos	Quadra de basquete, bolas, cones, apito, cronômetro, quadro branco, marcadores, TV, vídeo, internet.
Avaliação	Observação contínua do engajamento, esforço e respeito dos alunos
Bibliografia	Bracht, Valter. Oficina de docência de basquetebol. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. 40 p. ISBN: 978-85-8173-045-5

Nível de Ensino	Ensino Fundamental 2
Data	30/05/2023 a 20/06/2023
Assuntos	Capoeira
Objetivos	<p>Conceituais:</p> <p>Compreender a capoeira como uma manifestação cultural brasileira, sua história e sua importância.</p> <p>Procedimentais:</p> <p>Aprender e praticar os movimentos básicos da capoeira, incluindo golpes e contragolpes.</p> <p>Atitudinais:</p> <p>Desenvolver o respeito e a apreciação pela capoeira como uma forma de expressão cultural e física.</p>
Conteúdos	História da capoeira, movimentos básicos, música e instrumentos da capoeira, rituais e tradições.
Duração	50 minutos.
Procedimentos metodológicos	Aulas teóricas sobre a história e a cultura da capoeira, aulas práticas para aprender e praticar os movimentos, sessões de roda de capoeira.
Recursos didáticos	Vídeos e textos sobre a história da capoeira, aparelho de som, espaço adequado para a prática de movimentos físicos.
Avaliação	Avaliação da participação e do engajamento dos alunos, demonstração de compreensão da história e da cultura da capoeira, habilidade para executar movimentos básicos de capoeira.
Bibliografia	<p>ARAÚJO, R. C. Iê, viva meu mestre: a capoeira angola da escola pastiniana como práxis educativa. 2004.</p> <p>SILVA, G. de O. Capoeira: do engenho à universidade. 2. ed. São Paulo: CEPEUSP, 1995.</p> <p>REIS, A. L. T. Brincando de capoeira: recreação e lazer na escola. Brasília: Valcy, 1997.</p> <p>ROCHA, M. A. Capoeira uma proposta para a educação física escolar. 1990.</p> <p>SILVA, P. C. da C. O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de Educação Física escolar. 2009.</p>

Assim, os cronogramas das unidades didáticas se estabeleceram dessa forma:

Cronograma	
Aula 01 - 25/04/23	Aula de apresentação
Aula 02 - 02/05/23	História do Basquete e jogo inicial
Aula 03 - 09/05/23	Fundamentos e Regras do Basquete
Aula 04 - 16/05/23	Jogo adaptado
Aula 05 - 23/06/23	Prática de Jogo

Cronograma	
Aula 01 - 30/05/23	História da capoeira e introdução a ginga
Aula 02 - 06/06/23	Jogos com movimentos básicos e ginga
Aula 03 - 13/06/23	Movimentos básicos
Aula 04 - 20/06/23	Aula teórica e apresentação de um grupo de capoeira local
Aula 05 - 27/06/23	Roda de copeira

4 AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR

Nessa seção, optamos pela organização por aulas, a fim de favorecer a compreensão do processo pelos leitores.

4.1 Aula 25/04/2023

Este relato é uma introspecção sobre uma das aulas mais desafiadoras que tive a oportunidade de ministrar, marcada pela minha estreia como regente nesta escola. Encontrei-me diante de uma turma cujos hábitos eram estranhos para mim, apesar de já ter tido contato prévio com os alunos e observado o trabalho do professor conforme assinalado anteriormente. Quando me vi e me senti no papel de professor, uma nova realidade e detalhes ignorados pela observação passiva começaram a surgir. Ao assumir a regência, notei uma mudança na dinâmica da sala de aula. Os olhares curiosos e a maneira como os alunos ainda estavam tentando compreender a nova situação, mesmo após minha apresentação, geraram questionamentos como "O que você está fazendo aqui?" e "Você vai dar aula?". Essa experiência me transportou para um novo cenário, repleto de responsabilidades e desafios inerentes às peculiaridades de cada turma. Afinal, cada aula que ministrei naquele dia desviava, de alguma forma, do planejado. Este processo de transformação ressoa as palavras de Paulo Freire (1970), que afirmou que "ninguém educa ninguém, as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo" (p. 30).

Naquele dia, tive a oportunidade de ministrar aulas para quatro turmas diferentes, cada uma com suas peculiaridades. A primeira turma, um nono ano A, mostrou-se relativamente receptiva à aula, no entanto, muitos alunos tinham dificuldade em entender por que não estavam correndo com uma bola e praticando atividades físicas, mas sim ali, circulando pela quadra e tentando familiarizar-se com o ambiente. Muitos ainda mostravam resistência ao diálogo. A segunda turma, outro nono ano, demonstrou um pouco mais de receptividade às minhas ideias, mas ainda assim havia aqueles que mostravam resistência extrema.

Nesse dia específico, a experiência de lecionar para várias turmas, cada uma com suas características distintas, reforçou a ideia de que a individualidade de cada aluno influencia significativamente o desenvolvimento da aula. Esta observação está alinhada com a teoria sociocultural de Vygotsky (1978), que enfatiza que o aprendizado é um processo social e culturalmente construído.

A aula foi estruturada em torno do tema do basquete. A escola dispunha de um espaço adequado para a prática do basquete, o que facilitou a introdução de elementos essenciais para

a compreensão do jogo. Conduzi os alunos até a quadra de basquete, onde puderam ver e tocar a bola, o aro e as marcações no chão. Interagi com eles, perguntando quem sabia o que era a linha de três pontos, o garrafão e a linha de lance livre. Esta abordagem prática está em consonância com a filosofia educacional de John Dewey (1938), que argumentou que a educação deve estar intrinsecamente ligada à experiência.

4.2 Aula 25/04/2023

Nesta aula, discutimos a história do basquete, seu surgimento e realizamos um debate sobre jogadoras femininas de basquete, trazendo à tona a importância da representatividade feminina no esporte. Apresentei aos alunos que o basquete foi originalmente inventado por James Naismith para homens, mas logo foi adaptado para mulheres por Senda Berenson Abbott, que modificou as regras para se adequar às necessidades e habilidades físicas de suas alunas. Desde então, o basquete feminino se desenvolveu em sua própria entidade distinta e bem-sucedida, com ligas profissionais e internacionais. Além disso solicitei a atividade que tinha pedido na aula anterior que consistia em pesquisar o nome e história sobre alguma jogadora de basquete.

Após este debate, que ocorreu em uma roda formada no centro da quadra, realizamos uma atividade que simulava os primeiros jogos de basquete, que eram realizados com cestos de frutas. A quadra foi dividida em duas, com dois baldes colocados a cada metade da quadra, totalizando quatro baldes e 2 mini quadras, simulando os cestos de frutas usados nos primeiros jogos. Desenvolvemos um jogo que consistia na simulação de um jogo de basquete, sem muita ênfase nas regras. O objetivo central era permitir que os estudantes tivessem contato com o jogo de basquete e entendessem como ele se modificou ao longo do tempo e o que levou sua criação.

Durante o jogo, uma das principais dificuldades encontradas pelos alunos foi a relutância dos meninos em passar a bola para as meninas. Para resolver isso, implementei uma regra de que a cesta só valeria pontos se a bola passasse pelas mãos de todas as meninas antes de marcar. A participação dos alunos foi significativamente maior do que na primeira aula, especialmente entre os alunos do sétimo ano. Além disso, decidi me inserir no jogo como um "professor ativo e participante do jogo" para criar uma conexão com os alunos. Isso se mostrou muito eficaz, pois consegui explicar o jogo e criar debates enquanto participava ativamente. A minha participação ativa no jogo gerou mais confiança nos alunos e maior envolvimento com a atividade. Um ponto que chamou minha atenção foi um aluno que questionou não apenas o uso dos baldes, mas toda a organização da quadra. Isso me fez acreditar que a primeira aula

havia estimulado os alunos a observar mais detalhadamente o ambiente em que estavam inseridos.

Após a conclusão do jogo, conduzimos uma discussão em grupo para refletir sobre a experiência. Foi uma surpresa agradável descobrir que muitos estudantes, que anteriormente não haviam expressado familiaridade com o basquete, agora compartilhavam suas experiências pessoais com o esporte. Isso reforçou minha convicção na eficácia do ensino participativo (KIRK, 2002). No entanto, uma questão de gênero emergiu durante a discussão. A relutância dos meninos em passar a bola para as meninas foi um padrão observado em quase todas as turmas, com a notável exceção do sétimo ano B, que demonstrou uma cooperação exemplar. Este fenômeno reflete as descobertas de Derry e Phillips (2004), que observaram que as normas de gênero podem influenciar a participação e o desempenho na educação física. Quando questionados, os meninos justificaram sua relutância alegando que as meninas não corriam ou tentavam jogar. As meninas, por outro lado, expressaram uma variedade de sentimentos, desde desinteresse até medo do contato físico, e algumas até sentiram que os meninos não lhes davam a oportunidade de tentar (LOUCAIDES; JAGO; THEOPHANOUS, 2011).

Para abordar essa questão de gênero, é crucial implementar estratégias que promovam a igualdade e a inclusão no ambiente de educação física. Uma abordagem pode ser a implementação de regras que incentivem a participação igualitária, como a regra que implementei durante o jogo, onde uma cesta só poderia ser marcada se a bola passasse pelas mãos de todas as meninas antes. Além disso, a educação física deve ser projetada para ser inclusiva e acomodar as habilidades e interesses de todos os alunos, independentemente do gênero (PENNEY, 2002). Isso pode envolver a modificação de jogos e atividades para torná-los mais atraentes para as meninas, ou a implementação de atividades que promovam a cooperação em vez da competição. Finalmente, é importante criar um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor, onde todos os alunos se sintam confortáveis para participar e expressar suas opiniões. Isso pode ser alcançado através de discussões abertas sobre gênero e esporte, e incentivando os alunos a refletir sobre suas próprias atitudes e comportamentos. Toda essa aula foi um grande aprendizado, desde como a participação docente pode levar a adesão dos alunos, como a importância não só do debate inicial sobre a representatividade, mas o debate crítico sobre gênero.

4.3 Aula 09/05/2023

A aula começou com uma roda de conversa, uma estratégia pedagógica que, segundo Freire (1970), promove a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento. Durante essa conversa, foram debatidas algumas regras básicas do basquete, como o tempo de posse da bola, as dimensões da quadra e suas demarcações. Esses conceitos, que já haviam sido introduzidos na primeira aula, foram reforçados, uma prática que, de acordo com Ausubel (1968), ajuda a ancorar novos conhecimentos em conceitos já existentes na estrutura cognitiva do aluno.

Após esse debate inicial, realizamos atividades com o objetivo de ensinar os fundamentos básicos do basquete: o passe, o drible e o arremesso. A primeira atividade focou no passe, uma habilidade essencial no basquete (LIEBERMAN et al, 2007). Os alunos foram incentivados a formar duplas ou trios, dependendo do número de alunos na turma. O objetivo dessas duplas e trios era realizar passes de diferentes maneiras, utilizando bolas de diferentes tamanhos e pesos, para entender a dinâmica do passe. Os alunos foram orientados a experimentar em diferentes distâncias e diferentes formas de passar a bola, incluindo o passe quicando a bola.

Após essa primeira atividade, realizamos uma atividade de "Bobinho". Cinco grupos foram formados, cada um com quatro a cinco pessoas. A atividade de "Bobinho" consiste em ter um jogador que tenta pegar a bola que é passada entre os outros jogadores em forma de roda. O jogador que consegue pegar a bola deixa de ser o "Bobinho" e aquele que perdeu a bola assume o posto. Para tornar a atividade mais dinâmica, implementamos um modelo diferente de "Bobinho", onde às vezes o jogador de outro grupo se tornava o "Bobinho" de outro grupo. Isso criava uma situação de dois contra dois ou três contra um, dependendo do grupo introduzindo de forma indireta o conceito de marcação. Rapidamente, o "Bobinho" de outro grupo era recebido, gerando novamente uma situação de dois contra dois. Assim, foi feito um ciclo de jogadores.

Depois dessa atividade, realizamos uma atividade de arremesso. No entanto, alguns alunos se sentiram desmotivados por terem que esperar a sua vez de arremessar. Para criar um ambiente em que todos pudessem participar o mais rápido possível, fiz uma modificação no planejamento e implementei uma atividade conhecida como "Fast Break Drill". Esta atividade consiste em fazer um passe e um arremesso. Para que essa atividade funcionasse, foram formados dois grupos, um em cada canto lateral da quadra. Cada membro do grupo realizava um passe para um jogador que se posicionava na região do garrafão. Após receber o passe, este

jogador fazia o arremesso e corria para o outro lado da quadra, enquanto o jogador que fez o passe corria para fazer o arremesso do outro lado da quadra, e vice-versa. Isso criou uma situação de jogo rápido, pois os jogadores de ambos os lados da quadra tinham que estar atentos para fazer passes rápidos e correr para fazer o arremesso. Embora esta atividade tenha sido um pouco complexa e confusa para os alunos no início, eles rapidamente se adaptaram e se sentiram motivados a não deixar o outro lado esperando para fazer o passe. Isso resultou em um jogo dinâmico, que, segundo Hellison (2010), pode promover a cooperação e a responsabilidade entre os alunos.

Após o sucesso dessa atividade com a primeira turma, ela foi implementada como uma mudança definitiva nas outras turmas e foi bem aceita por todas. Fiquei particularmente surpreso com o desempenho do sétimo ano, pois inicialmente acreditava que eles teriam dificuldades devido ao nível de complexidade da atividade. No entanto, eles se saíram muito bem, demonstrando um jogo rápido e eficiente, o que é consistente com a teoria de Vygotsky (1978) sobre a zona de desenvolvimento proximal, onde os alunos são capazes de realizar tarefas mais complexas com a ajuda de colegas ou professores.

Em resumo, a aula foi estruturada de forma a reforçar os conceitos básicos do basquete, introduzir e praticar os fundamentos do jogo, e promover a participação ativa e o engajamento dos alunos através de atividades dinâmicas e desafiadoras e reflexão sobre as particularidades do Basquete. Acredito que essas estratégias foram eficazes em promover o aprendizado e o interesse dos alunos pelo basquete, o que é corroborado por estudos que destacam a importância da participação ativa no processo de aprendizagem (DEWEY, 1938; KOLB, 1984).

4.4 Aula 16/05/2023

A aula seguiu o mesmo padrão das anteriores, começando com uma roda de conversa. Nesta ocasião, o tema debatido foi a inclusão no esporte, independentemente de raça, gênero ou individualidade. Discutimos o basquete adaptado e, após explicar que existe uma versão do basquete jogada em cadeira de rodas, os alunos foram orientados a sentar e realizar passes nessa posição. Essa atividade foi inspirada nos estudos de DePauw e Gavron (2005), que destacam a importância do esporte adaptado para a inclusão e participação de todos.

Após isso, dividimos os alunos em grupos e organizamos um jogo de basquete em cada metade da quadra, com os alunos sentados e um balde sendo utilizado como cesta. Esta atividade foi rápida e muitos alunos expressaram insatisfação, o que está alinhado com as

observações de Sherrill (1998), que aponta que a adaptação de atividades pode inicialmente causar desconforto ou resistência.

Em seguida, realizamos um jogo de basquete onde os alunos poderiam se levantar, mas o jogo aconteceria apenas na metade da quadra e haveria apenas uma cesta de cada lado, com os dois times marcando nessas cestas. Após uma série de debates em aulas anteriores, foi possível perceber que, mesmo sem a regra imposta de que deveria haver passes para as meninas, elas estavam recebendo mais a bola e participando de forma mais ativa do jogo. Este resultado está em consonância com os estudos de Ennis (1999), que enfatizam a importância da equidade de gênero no esporte escolar.

Após essa atividade, realizamos uma roda final de discussão que durou cerca de 10 minutos. Nela, debatemos por que eles não tinham gostado da primeira atividade de jogar sentados e tinham gostado muito da atividade de jogarem em pé. Embora eu imaginasse as respostas, elaborei tais questões para provocá-los a pensar nas dificuldades de jogar basquete em uma cadeira de rodas, mas que mesmo assim era possível e havia muitos jogadores que faziam isso, mostrando que o basquete é acessível para todos (NIXON, 2007).

4.5 Aula 23/05/2023

Na aula em questão, iniciamos com uma conversa abrangente com os alunos, revisitando os princípios fundamentais do basquete. Este diálogo interativo não foi apenas uma revisão das regras do jogo, mas também uma oportunidade para reforçar os conhecimentos adquiridos até o momento. Perguntas como "Quais são as principais regras?", "Quais são as delimitações da quadra?", "Como funciona o jogo?", "Quais são as dinâmicas de jogos?" e "Quais são os fundamentos?" foram debatidas, permitindo um espaço para os alunos expressarem suas compreensões e esclarecerem dúvidas.

Após essa discussão inicial, os alunos foram divididos em quatro times. O objetivo era simular um ambiente de jogo real, proporcionando aos alunos uma experiência prática do que haviam discutido. Enquanto dois times se enfrentavam em quadra, os outros dois observavam atentamente, analisando as estratégias e táticas empregadas pelos jogadores em campo. Eu atuava como o juiz do jogo, auxiliado por um aluno que, por motivos de saúde, não pôde participar ativamente da aula.

Cada jogo durou 10 minutos, após o qual os times trocavam - os que estavam em campo iam para a arquibancada, e vice-versa. Durante esse tempo, os times que estavam fora do campo

tinham a oportunidade de discutir suas observações, identificar problemas nas estratégias empregadas e planejar suas próprias táticas para quando entrassem em campo.

Essa experiência de aprendizado prático foi extremamente valiosa. Não só permitiu aos alunos aplicar os conceitos que haviam aprendido, mas também promoveu uma compreensão mais profunda das dinâmicas do jogo e da importância do trabalho em equipe e da estratégia. Além disso, proporcionou uma oportunidade para os alunos aprenderem uns com os outros, observando e discutindo as táticas empregadas por diferentes times.

4.6 Relato Geral sobre as aulas de Basquete

Iniciar minha jornada como professor da temática basquete representou um desafio significativo, principalmente devido à minha escassa familiaridade e vivência com esse esporte coletivo. A ansiedade inicial foi palpável, mas a escolha desse tema foi intencional, uma tentativa de me desafiar a explorar um campo que estava além do meu espectro de experiências. Afinal, a docência requer a compreensão de que nem sempre ensinaremos o que nos é mais familiar ou no qual somos mais proficientes. Em vez disso, temos diretrizes e conteúdo a serem trabalhados em benefício do aluno.

Uma das minhas maiores dificuldades foi compreender as regras do basquete e determinar a melhor maneira de proporcionar uma experiência enriquecedora para os alunos. O planejamento das aulas para que ocorressem da melhor maneira possível, e o medo de cometer erros, foram aspectos desafiadores. Além disso, trabalhar com um esporte coletivo com o qual tinha pouco contato apresentou desafios adicionais, como entender a cultura que o envolve e como abordá-lo de maneira a fomentar uma discussão crítica e coerente entre os alunos.

Essas experiências ocorreram simultaneamente às minhas primeiras experiências com uma prática docente sistematizada e contínua. Apesar dos desafios, percebi que trabalhar com o basquete me permitiu expandir meus horizontes e entender, além da teoria, que não é necessário ser proficiente em algo para ensiná-lo.

Um aspecto que se destacou durante minha vivência foi a necessidade de criar um vínculo com os alunos. Foi possível acompanhar minha trajetória desde a primeira até a última aula de basquete e observar como a dinâmica, aceitação e participação dos alunos mudaram à medida que criávamos um ambiente de conhecimento e diálogo. Priorizamos não apenas a transmissão de informações, mas também a escuta ativa, em um processo de ensino e

aprendizagem que desviava das normativas padrões do ensino bancário, conforme proposto por Paulo Freire.

Foi significativo poder ter diálogos que fundamentavam e davam sentido às práticas. Embora tenham surgido problemas durante a aplicação das atividades, como a recepção variável de algumas delas e questões de gênero, essas dificuldades serviram como uma maneira de observar a escola além da teoria e enfrentar seus desafios na prática. Tentamos, da melhor forma possível, criar um debate em torno dessas problemáticas, entendendo a realidade do que é ser professor e como, às vezes, precisamos nos adaptar às condições apresentadas e ao nosso público.

Apesar das turmas em geral apresentarem comportamentos semelhantes, era nítido perceber pequenas mudanças de uma turma para outra. Embora essas mudanças fossem sutis, muitas vezes carregavam grandes significados embutidos em seus diálogos.

4.7 Iniciação à Capoeira: aula 30/05/2023

Nessa aula abordamos inicialmente um pouco sobre a história da capoeira, as possíveis correntes de pensamento que discutem sua origem, como ela surgiram, qual sua finalidade, seu contexto e como a roda de capoeira se tornou um patrimônio cultural. Além disso, discutimos a capoeira como luta, dança e arte. Essa conversa aconteceu reunindo todos os alunos em uma roda no centro da quadra, como é de costume nas aulas. Após essa conversa, perguntei se alguém já tinha praticado capoeira ou a tinha visto. Para minha surpresa, alguns alunos participavam de um projeto de capoeira que já acontecia na escola.

Apesar de ter esses alunos participantes do projeto, parte das turmas não apresentava vivência ou conhecimento a respeito da capoeira e não tinha clareza sobre seu significado. Isso gerou um debate que passou por várias áreas, incluindo o questionamento se era certo ou não praticar capoeira. Alguns alunos indagaram que isso "não era coisa de Deus", que não era certo e que não poderiam praticar. Isso gerou um debate para desmistificar a capoeira, suas origens e tradições, bem como uma conversa sobre o respeito às diferenças culturais, patrimoniais e religiosas.

Depois dessa conversa inicial, nas turmas que tinham alunos que já tinham experiência com capoeira, convidei esses alunos para que pudessem mostrar a "ginga" e alguns movimentos da capoeira. Pedi para que todos tentassem realizar o movimento. Após essa exposição, foi colocada uma música típica da capoeira por meio de uma caixa de som, devido à falta de

disponibilidade dos próprios instrumentos da capoeira. Mas falamos sobre eles e sua importância.

Após tentarem praticar a "ginga" por algum tempo, propus outra atividade que consistia em vários bambolês espalhados pela quadra. Dentro desses bambolês, havia um colete e os alunos se formavam ao redor desse bambolê. O objetivo era "gingar" e, quando a música parasse, tentar pegar o colete que se encontrava no centro do bambolê. Após algumas rodadas dessa brincadeira, mudamos as duplas e formamos trios.

Após isso, fizemos uma roda de conversa para avaliação da aula, que ocorreu através de perguntas sobre como a aula foi, como se sentiram, o que gostaram e o que não gostaram na aula.

4.8 Aula 06/06/2023

Essa aula começou com música, formando uma roda no centro da quadra. Após a pausa na música, iniciamos a apresentação do que seria trabalhado. Revisitamos a "ginga" e alguns movimentos básicos da capoeira, como a "cocorinha", a "esquiva", a "meia lua" e a "queixadinha". Para demonstrar esses movimentos, pedimos que todos os alunos os realizassem, para que pudessem sentir os movimentos enquanto a música tocava.

Após essa breve introdução aos movimentos, criamos um jogo chamado "Pique-Capoeira". Ele funcionou da seguinte maneira: era um pique-pega onde havia um pegador. Após pegar alguém, quem foi pego teria que assumir a posição de "cocorinha". Para salvá-la, as outras pessoas teriam que fazer uma "meia lua". Essa brincadeira foi desenvolvida com todas as turmas.

Após essa brincadeira, realizamos um jogo onde falávamos o nome do movimento e todos tinham que executá-lo. Esse exercício permitiu que os alunos associassem os nomes aos movimentos, reforçando o aprendizado da capoeira de maneira lúdica e interativa.

4.9 Aula 13/06/2023

A aula começou novamente com uma roda de conversa no centro da quadra. Perguntei quem se lembrava dos nomes dos movimentos trabalhados na aula anterior. Após essa breve revisão, iniciamos uma sequência demonstrativa de alguns movimentos básicos da capoeira, como a "Queixada", a "Queixadinha", o "Martelo", a "Vingativa" e a "Esquiva". Pedimos que todos os alunos repetissem os movimentos após cada demonstração.

Depois de mostrar cada movimento de forma separada e os alunos terem uma noção de como funcionava, implementamos uma sequência conhecida como "Sequência Simplificada". Nessa sequência, o aluno A realizaria o ataque, fazendo uma "Meia Lua de Frente" com a perna direita, seguida por uma Meia Lua de frente com a perna esquerda logo depois uma armada com a perna direita enquanto o aluno B se defendia de cocorinha com a esquerda e direita e negativa com a perna esquerda. Foi uma interessante os alunos demonstraram o grande interesse em fazer as sequências.

4.10 Aula 20/06/2023

Nesta sessão, organizamos uma aula teórica com o objetivo de aprofundar o conhecimento dos alunos sobre a rica história da capoeira. Até aquele momento, havíamos introduzido a eles a história e as músicas tradicionais da capoeira por meio de gravações sonoras. No entanto, os alunos ainda não tinham tido a oportunidade de ver os instrumentos de perto ou de visualizar a história por meio de ilustrações e exemplos práticos.

A aula foi realizada em uma sala de vídeo disponível na escola. Utilizamos esse recurso para transmitir imagens dos instrumentos utilizados na capoeira e algumas cenas históricas, com o intuito de reforçar ainda mais o aspecto cultural que envolve essa arte marcial.

Durante a aula teórica, propusemos algumas perguntas para que os alunos pudessem refletir e registrar suas respostas em seus cadernos. Essas perguntas, de natureza básica, tinham como objetivo avaliar o que eles já conheciam sobre a capoeira e o que conseguiram aprender durante a aula. Além disso, reservamos um espaço para receber feedbacks e sugestões sobre o desenvolvimento das aulas.

Estava planejado que, após a aula teórica, todas as turmas se reuniram no último horário da escola para uma apresentação de um grupo de capoeira local. Essa apresentação trouxe uma dinâmica bem diferente para o dia, pois, após a aula teórica, os alunos já possuíam um embasamento mais sólido sobre o que é a capoeira, quais são os instrumentos utilizados, como ela é praticada e todo o seu processo histórico.

A demonstração prática do grupo de capoeira proporcionou aos alunos uma vivência mais próxima da cultura e do movimento da capoeira, convidando-os a entrar na roda. Foi uma experiência enriquecedora, permitindo que eles pudessem vivenciar na prática todo o conhecimento teórico adquirido.

4.11 Aula 27/06/2023

Esta sessão marcou o encerramento de nosso estudo sobre a capoeira. Iniciamos com uma breve conversa para revisar os pontos que havíamos explorado até aquele momento. Em seguida, organizamos uma roda de capoeira, proporcionando aos alunos a oportunidade de colocar em prática todas as experiências e conhecimentos acumulados durante as aulas.

Esta experiência foi particularmente gratificante. Foi possível traçar um paralelo entre a primeira aula, quando os alunos estavam apenas começando a se familiarizar com a capoeira, e esta última, onde eles já estavam engajados e participando ativamente da roda. Observar essa evolução e o crescimento dos alunos em seu entendimento e apreciação da capoeira foi um testemunho do valor de combinar a teoria com a prática em um ambiente de aprendizado.

4.12 Relato Geral sobre as aulas de Capoeira

Inicialmente, a capoeira parecia um tema que não apresentaria grandes desafios, principalmente por ser um conteúdo com o qual eu já tinha familiaridade, ao contrário do basquete, que era uma novidade para mim. No entanto, o ensino da capoeira acabou se revelando mais desafiador do que eu esperava.

Este desafio surgiu, em parte, porque o momento em que comecei a ensinar capoeira coincidiu com o período em que eu estava começando a me sentir mais consolidado como professor. Isso me levou a me cobrar mais, a buscar oferecer o melhor aos alunos e a gerar uma experiência de aprendizado mais completa, que abrangesse tanto a teoria quanto a prática.

Conciliar a prática com a teoria provou ser um desafio, dadas as peculiaridades de cada turma e de cada vivência. Ao contrário do basquete, que foi um tema um pouco mais difícil de ser trabalhado, mas cuja aceitação geral foi maior, proporcionando uma zona de conforto, a capoeira foi recebida de maneira variada pelas diferentes turmas. Algumas foram bastante receptivas, outras nem tanto.

Além disso, a capoeira trouxe à tona discussões sobre religião e questões raciais, temas que, embora também tenham surgido no contexto do basquete, foram potencializados pela capoeira. Isso me deixou um pouco ansioso, pois era minha primeira experiência docente e eu estava lidando com tópicos sensíveis e importantes.

No entanto, apesar dos desafios, essa experiência com a capoeira serviu como um alicerce para a minha consolidação como professor. Foi uma jornada desafiadora, mas extremamente valiosa, que me permitiu crescer e aprender tanto quanto os meus alunos.

5 IMPACTOS DESSAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA MINHA IDENTIDADE DOCENTE

Ser professor envolve uma complexidade de fatores que, em grande parte, aprendemos na universidade e ao longo de nossa jornada acadêmica. No entanto, é surpreendente como a confiança, construída ao longo de anos de estudo, pode evaporar no momento em que pisamos em uma sala de aula para vivenciar a prática docente. Como apontado por Freire (1996, apud PACHECO; BARBOSA; FERNANDES, 2019), a prática docente não é um mero exercício de transmissão de conhecimentos, mas um complexo processo de construção conjunta de saberes.

Lembro-me da primeira vez em que me vi em uma quadra, não mais como um observador, mas como um agente de mudança, um educador. Isso me assustou. Em muitos momentos, me perguntava: "Quem falou sobre isso? Quem escreveu sobre isso?" Buscava nas teorias e nos conhecimentos que havia adquirido na universidade um guia para minhas práticas e minhas palavras. No entanto, em meio à rapidez dos acontecimentos, era difícil pensar e encontrar a melhor escolha para a situação do momento. Nesse sentido, Freire (1996, apud PACHECO; BARBOSA; FERNANDES, 2019) argumenta que a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática.

Foi então que percebi que, embora a teoria seja muito importante, a prática também é crucial. Isso se tornou ainda mais evidente para mim, considerando que minha formação foi, de certa forma, prejudicada pela pandemia de COVID-19. Como medida alternativa para não atrasar a formação dos estudantes, os estágios foram realizados online, por meio de relatos de experiências de outros professores. Isso foi uma experiência interessante, pois trouxe um pouco da realidade da escola sob a ótica de alguém que já estava inserido nela. No entanto, também proporcionou um ambiente predominantemente teórico, reforçando a jornada acadêmica que se concentra em ler livros, artigos, estudar diferentes formas de dar aula, pedagogias, metodologias, mas sem contato direto com a prática e com a cultura escolar e suas dinâmicas. Isso gerou em mim muitas inseguranças a respeito de dar aula e questionamentos sobre se era isso que eu queria para minha vida. Quando entrei na residência pedagógica e pude vivenciar esse medo e essa ansiedade de forma mais intensa, pude perceber os desafios de ser professor, mas também as gratificações. Freire (1996, apud PACHECO; BARBOSA; FERNANDES, 2019) destaca que a formação docente, além de se pautar nos aspectos técnicos e teóricos, deve considerar as dimensões éticas e estéticas do ato de ensinar.

Acredito que a residência pedagógica teve um grande impacto na minha formação, não apenas consolidando uma formação que se deu praticamente de forma teórica por meio da

prática, mas também por gerar um ambiente em que eu pudesse atuar, me desafiar e me encontrar como professor. Apesar do medo e da ansiedade, a organização da residência pedagógica e o apoio dos professores orientadores e preceptores, que me permitiram narrar minhas experiências e tirar minhas dúvidas, proporcionaram um suporte firme para meu aprimoramento como futuro professor. Como mencionado por Pacheco, Barbosa e Fernandes (2019, p. 335), "durante a formação dos discentes, enquanto futuros educadores, é imprescindível que no decorrer do curso haja práticas pedagógicas em espaços escolares, pois estas contribuem na construção do saber empírico".

Além disso, as reflexões promovidas sobre nossas vivências, as políticas internas da escola e os acontecimentos marcantes que permearam à docência criaram um ambiente de transformação, permitindo-me sentir mais como um professor. Portanto, acredito que a residência pedagógica tenha sido um divisor de águas em meu processo formativo. Durante esse período, consegui vivenciar várias etapas do ser professor: desde a ambientação na escola, o conhecimento do Projeto Político Pedagógico (PPP), as reuniões com a coordenação, a criação e aplicação do planejamento, até à docência propriamente dita. O processo reflexivo sobre os acertos e erros de cada aula, as reuniões e palestras promovidas tanto na escola quanto pelo próprio projeto, tudo isso acrescentou muito à minha formação acadêmica. Pacheco, Barbosa e Fernandes (2019, p. 8) reforçam essa ideia ao afirmarem que "a ação-reflexão-ação, que constitui a práxis, oportuniza ao docente ressignificar seus conceitos, teorias, práticas e saberes".

Portanto, a Residência Pedagógica não apenas consolidou minha formação teórica por meio da prática, mas também criou um ambiente onde eu pude atuar, me desafiar e me encontrar como professor. Apesar do medo e da ansiedade que muitas vezes me dominavam, a organização da residência pedagógica e o apoio dos professores orientadores e preceptores, que me permitiram compartilhar minhas experiências e esclarecer minhas dúvidas, também proporcionaram um suporte sólido no qual eu pude me apoiar para me aprimorar como futuro professor. Como Pacheco; Barbosa; Fernandes (2019, p. 336) destacam, "a formação inicial de professores é entendida como o alicerce de toda sua construção como futuro educador".

CONCLUSÃO

Em conclusão, este estudo autobiográfico demonstrou a importância vital da Residência Pedagógica (RP) na formação inicial de licenciandos em Educação Física, especialmente na minha formação. A experiência prática adquirida por intermédio da RP na escola municipal de Lavras-MG proporcionou uma compreensão mais profunda e realista do ambiente escolar, contribuindo significativamente para o fortalecimento da minha identidade profissional docente.

A RP serviu como uma ponte entre a teoria e a prática, permitindo que os futuros professores aplicassem o conhecimento teórico adquirido na Universidade em um contexto prático. Isso reforça a ideia de que a formação de professores eficaz deve ser uma combinação de conhecimento teórico e prático, conforme destacado por Darling-Hammond (2006).

Os relatos de experiência, como o apresentado neste trabalho, são uma fonte valiosa de conhecimento para a formação docente. Eles permitem que os estudantes de licenciatura conheçam práticas pedagógicas bem-sucedidas, refletindo sobre suas próprias práticas e desenvolvendo uma postura crítica em relação ao ensino.

Este estudo também ressaltou a importância de programas como a RP na formação de professores de Educação Física. Por meio da vivência prática no ambiente escolar, os futuros professores podem desenvolver competências e habilidades que lhes permitam lidar com os desafios da profissão.

Finalmente, é importante ressaltar que a formação de professores é uma jornada contínua que vai além da aquisição de conhecimento acadêmico. É também sobre a construção de relacionamentos com os alunos, entendendo suas necessidades individuais e promovendo seu bem-estar emocional (PEKRUN & LINNENBRINK-GARCIA, 2014).

Portanto, a Residência Pedagógica é uma ferramenta essencial na formação de professores, proporcionando uma experiência prática valiosa que contribui para a formação de educadores eficazes e reflexivos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre - a Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.48.2017.tde-12052015-143733. Acesso em: 2023-06-05AUSBEL, D. P. Educational psychology: A cognitive view. Holt, Rinehart and Winston, 1968.

AUSUBEL, David P. Facilitating meaningful verbal learning in the classroom. **The Arithmetic Teacher**, v. 15, n. 2, p. 126-132, 1968.

BATISTA, Paula Fazendeiro; GRAÇA, Amândio Braga. Construir a profissão na formação de professores de Educação Física: processos, desafios e dinâmicas entre a escola e a universidade. **Pro-Posições**, v. 32, 2021.

BOUCHARD, Claude. Physical activity, fitness, and health: the model and key concepts. **Physical activity, fitness, and health**, p. 77-88, 1994.

BRACHT, Valter. **Oficina de docência de basquetebol**. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2013. 33, [6] p. ISBN 9788581730455 (broch.).

BRASIL. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 05 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria nº 38, de 12 de fevereiro de 2018. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 fev. 2018. Seção 1, p. 9. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/21461457/do1-2018-02-13-portaria-n-38-de-12-de-fevereiro-de-2018-21461454. Acesso em: 05 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Residência Pedagógica. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/bolsas/bolsas-no-pais/residencia-pedagogica>. Acesso em: 05 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Residência Pedagógica. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/residencia-pedagogica>. Acesso em: 05 maio 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da educação física na escola. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64-79, 2005.

DEPAUW, Karen P.; GAVRON, Susan J. **Disability sport**. Human Kinetics, 2005.

DE SOUZA PACHECO, Willyan Ramon; DA SILVA BARBOSA, João Paulo; FERNANDES, Dorgival Gonçalves. A relação teoria e prática no processo de formação docente. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, n. 2.0, 2019.

Dewey, J. (1938). *Experience and Education*. Kappa Delta Pi, USA.

DERRY, J. A.; PHILLIPS, D. A. The influence of gender and social role orientation on children's perception of physical education. **Sex Roles**, v. 50, n. 1-2, p. 83-92, 2004.

ELLIS, C., Adams, T. E., & Bochner, A. P. Autoethnography: An Overview. **Forum: Qualitative Social Research**, 12(1).

ENNIS, C. D. Alone in a Crowd: Meeting Students' Needs for Relevance and Connection in Urban High School Physical Education. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 18, p. 234-247, 1999.

FREIRE, Paulo. Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, v. 1, 1987.

FREITAS, M. C. de; FREITAS, B. M. de; ALMEIDA, D. M. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/4540>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O Currículo-: Uma reflexão sobre a Prática**. Penso Editora, 2000.

HELLISON, Don. **Teaching personal and social responsibility through physical activity**. Human Kinetics, 2010.

KIRK, D. Gender and physical education: an overview of research and initiatives. **Sport, Education and Society**, v. 7, n. 1, p. 75-87, 2002.

KOLB, D. A. *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Prentice-Hall, 1984.

LAMEGO, Caio Roberto Siqueira; DOS SANTOS, Maria Cristina Ferreira. Multiculturalismo e educação intercultural: narrativas de professores sobre preconceito e abordagens culturais na escola. **Dialogia**, n. 29, p. 111-121, 2018.

LIEBERMAN, Daniel E. et al. A geometric morphometric analysis of heterochrony in the cranium of chimpanzees and bonobos. **Journal of human evolution**, v. 52, n. 6, p. 647-662, 2007.

LOUCAIDES, Constantinos A.; JAGO, Russell; THEOPHANOUS, Maria. Physical activity and sedentary behaviours in Greek-Cypriot children and adolescents: a cross-sectional study. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 8, p. 1-11, 2011.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PEKRUN, R., & Linnenbrink-Garcia, L. (Eds.). *International handbook of emotions in education*. Routledge, 2014.

PENNEY, Dawn (Ed.). **Gender and physical education: Contemporary issues and future directions**. Routledge, 2002.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

QUEIROZ, L. C.; SOLERA, B.; SOUZA, V. F. M. Dos entraves à busca por novos caminhos no planejamento da educação física escolar: residência pedagógica como uma ação participativa. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 13, n. 26, p. 171-186, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31639/rbpf.v13i26.396>. Acesso em: 15 jun. 2023.

REIS, André Luiz Teixeira. *Brincando de Capoeira: recreação e lazer na escola*. **Brasília: Valcy**, 1997.

CARNEIRO, Kleber Tüxen; DA SILVA, Bruno Adriano Rodrigues; DOS REIS, Fábio Pinto Gonçalves. As implicações do Programa de Residência Pedagógica para formação docente: das narrativas à (re) elaboração do trabalho pedagógico no ensino da Educação Física. **Educação**, p. e58/1-33, 2021.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. Sage, 2008.

ROCHA, Maria Angelica. **Capoeira: uma proposta para a educação física escolar**. 1990. Tese de Doutorado. [sn].

SHERRILL, Claudine. **Adapted physical activity, recreation and sport: Crossdisciplinary and lifespan**. WCB/McGraw Hill, 2460 Kerper Blvd., Dubuque, IA 52001, 1998.

DE OLIVEIRA SILVA, Gladson. **Capoeira: do engenho à universidade**. Cepeusp, 1995.

DA SILVA, Katia Augusta Curado Pinheiro; CRUZ, Shirleide Pereira. A Residência Pedagógica na formação de professores: história, hegemonia e resistências. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 27, n. 2, p. 227-247, 2018.

DA COSTA SILVA, Paula Cristina. **O ensino-aprendizado da capoeira nas aulas de educação física escolar**. 2009. Tese de Doutorado. [sn].

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. **Mind in society: Development of higher psychological processes**. Harvard university press, 1978.

ZEICHNER, Ken. Two visions of teaching and teacher education for the twenty-first century. **Preparing teachers for the 21st century**, p. 3-19, 2013.